Oficina de Educação Superior

Diário de bordo

Gabriela Santos da Silva

 O que seria um “diário de bordo”? Não faço ideia. Desde que ouvi esse termo na primeira aula da disciplina “Oficina de Educação Superior”, venho imaginando que deve ser como um diário mesmo, mas eu nunca escrevi um diário.

Antes de descrever a minha experiência e percepções, é preciso falar o “como” e o porquê” dessa vivência...

*Educação é a chave –* eu disse. Disse isso várias vezes, muitas, tantas, disse isso até sozinha. Mas, o que eu sei sobre educação? Por enquanto eu não sei muita coisa, mas com certeza sei mais do que antes. Me propus a tentar entender me matriculando numa disciplina que eu julgava ser pedagógica. E é mesmo, mas qual disciplina não é?... Aprendi que a pedagogia possui diversas faces e que é possível um diálogo entre elas. Eu, bacharela em ciências biológicas, nunca tinha feito uma disciplina em que eu precisasse me comunicar tanto. Me graduei num curso que eu poderia descrever como fechado, sem muito espaço para opiniões e críticas, mas agora eu reflito e me pergunto como eu passei tanto tempo sem me colocar num espaço de educação formal assim. Apertei o botão da matrícula porque queria saber como nutrir a utopia de ser educadora.

- “*Professora, depois de hoje eu decidi e me reafirmei. Essa disciplina é inspiradora*”, disse à minha orientadora, que riu.

Aula 1 – 04/04/2019

Primeira aula. Me sinto um pouco perdida ao entrar na sala. Todas as pessoas estão com pedaços de papel e parecem procurar palavras no ar. Nesse momento percebi de cara que estava acontecendo uma atividade para falar sobre si. A proposta era escrever o nome, cidade, profissão e uma palavra que me descrevesse. Passei um tempo pensando sobre como me descrever numa palavra e achei difícil o exercício. Era um pouco mais das 8hrs da manhã, como eu posso me descrever numa palavra assim tão cedo? Escrevi “diálogo” porque acredito no poder dessa prática, mas aquilo me fez refletir sobre questões relacionadas ao passado. Felicito o exercício.

 Depois que eu terminei de escrever, percebi que havia dois rostos conhecidos na sala, Luã e Silvio. Incrivelmente isso não me fez sentir mais confortável. Outra reflexão.

 Em seguida a turma fez apresentações sobre o que foi escrito e todos os papéis foram colados no quadro. Foi muito bom poder assistir as apresentações e perceber a heterogeneidade da turma.

 Ainda nessa aula nós fizemos parte de uma dinâmica em grupo no sentido de aproximar as pessoas e tornar o diálogo mais visual. Nos organizamos numa forma oval, na qual o professor também estava inserido. Caminhamos pela sala seguindo alguns comandos para estimular o contato visual entre as pessoas. Essa dinâmica foi continuada por uma troca de palavras, na qual tínhamos que somente ouvir ou somente falar sobre os temas ditos pelo professor. Numa dessas trocas eu tive a experiência de ouvir um homem, que recebeu o tema machismo, falar sobre o fato de ele não acreditar nem no feminismo e nem no machismo, e sim nos direitos iguais (?). Percebi a reprodução de um comportamento usual entre a maioria dos homens. Quando ele recebeu o tema machismo, logo começou a falar as suas críticas sobre feminismo e sobre como algumas mulheres feministas tentam ocupar posições de dominação na sociedade. A fala dele me decepcionou, mas não me surpreendeu. Não é comum ver os homens se questionarem sobre o machismo e muito menos sobre masculinidades. Como eu estava no meu momento de ouvir, apenas respeitei o exercício e pedi para conversarmos sobre isso depois.

 No final do primeiro período o professor sugeriu que trouxéssemos algumas questões pessoais sobre educação para discutirmos na aula da tarde. A minha pergunta foi: Qual é a efetividade das provas na formação do indivíduo?.

Foram trazidas questões muito interessantes e a discussão foi muito enriquecedora.

Nessa aula o professor Marcos falou uma frase que até hoje ainda não saiu da minha cabeça, que foi “Precisamos perceber nossos momentos de desconforto (ou bandeiras) e trabalhar nisso”. Achei muito forte e gostei muito.

Algumas leituras foram sugeridas:

1 – “Viva eu, viva tu, viva o rabo do Tatu”;

2 – “Polegarzinha”;

3 – “Sapiens. De animales a dioses”.

Alguns exercícios foram propostos:

1 – Formar um grupo e preparar um plano de curso;

2 – Preparar um cartaz com a minha biografia para apresentar aos demais;

3 – Preparar o fichamento de um livro de educação.

Aula 2 – 11/04/2019

No início desta aula foi estimulada a formação de grupos para fazer as apresentações das biografias. No grupo em que estive presente tinha também a Isabela Pires, Isabela Peres, a Taísi e a Kenia, ambas apresentando as suas biografias na forma de cartaz. Foi muito bom poder compartilhar um pouco das nossas histórias. A Isabela Peres compartilhou conosco o documentário “Nas águas de Piracicaba”, em que esteve na produção. Kenia possui uma habilidade muito especial de fazer facilitação gráfica, o cartaz dela estava incrível. Nesse momento nós também conversamos sobre os pontos que nos aproximam e os que nos afastam enquanto mulheres nascidas e criadas de maneiras tão diferentes.

Em seguida nós compartilhamos os nossos fichamentos individuais. Os livros lidos e compartilhados foram: “Pedagogia: diálogo e conflito”, “O que é Educação?”, “Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos”, “Os 7 saberes necessários à educação do futuro” e “Educação e mudança”, este último lido e apresentado por mim.

Foi muito interessante fazer essa leitura e o exercício do fichamento. Em primeiro lugar porque eu nunca tinha lido um livro completo do Paulo Freire, o que foi uma experiência intrigante, pois é uma leitura mais densa e filosófica do que eu imaginava. Isso me deixou bastante satisfeita e curiosa. Em segundo lugar foi o fato de eu nunca ter feito um fichamento. Levantei as minhas descrições, interpretações e questões sobre uma parte da leitura. Foi, ao mesmo tempo, difícil e prazeroso. Após essa experiência eu acredito que os fichamentos podem ser muito positivos na leitura e compreensão de um texto, principalmente com relação a livros.

Nessa aula a companheira Gláucia durante algumas das nossas discussões levantou uma questão muito interessante sobre os ambientes formais e não formais de ensino-aprendizagem que é a aprendizagem sem ensino, por observação da natureza. Nesse momento eu tirei a minha atenção do que estava acontecendo na discussão e comecei a refletir sobre esse tipo de aprendizado. Me lembrei da minha mãe e da sua história de vida, comecei a me lembrar das nossas conversas filosóficas de toda a vida, sendo que minha mãe é analfabeta e eu somente um pouco distante disso, mas somente na linguagem escrita. Foi interessante, eu nunca nem sequer tinha parado pra pensar nesse tipo de aprendizagem e parece que agora tento ver por esse lado muitas coisas que eu não via antes.

Nessa aula foram sugeridas algumas leituras:

1 – Processo de Ensinagem na Universidade;

2 – O manifesto dos pioneiros;

3 – O saber da experiência;

4 – Eu-Tu;

5 – A conquista da felicidade.

Ambos na lista

Aqui também formulamos os grupos de trabalho. A primeira atividade coletiva foi um fichamento do livro “O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas” – Miguel Zabalza.

Aula 3 – 25/04/2019

Para essa aula era esperado que os grupos entregassem e discutissem os fichamentos sobre o livro do Miguel Zabalza. O processo de criação desse fichamento foi muito fluido entre mim, Kenia, Gláucia e Letícia. Entendendo as diferenças de horários disponíveis para trabalhar nisso e nos tempos individuais de cada uma, nós conseguimos realizar a leitura dividindo por partes em que cada uma pôde escrever sobre o capítulo lido. A minha leitura foi principalmente do capítulo três, intitulado “Os professores universitários”. Nesse capítulo o autor fala sobre o papel das pessoas docentes universitárias na construção desse espaço, que, na sua própria esfera, é limitante. Zabalza fala também na transformação das universidades em centros de produção, nos quais a profissão docente é completamente desvalorizada, dando espaço a uma competição com base na produção científica e em atividades que geram méritos acadêmicos. Um dos pontos mais interessantes dessa leitura é o tópico em que fala da função formativa dos professores, onde eu tive algumas reflexões sobre a responsabilidade que se adquire junto com o privilégio do poder da escolha da profissão docente.

Nessa aula tivemos que discutir a partir do texto os seguintes temas:

Filosofia; Políticas públicas; Estrutura, Pedagogia e Outros dilemas. Nos dividimos e nesse ponto eu confesso que não foi muito proveitoso pra mim, exceto pelo dilema como ponto filosófico sobre “quem e o que é o ponto de referência”. Nesse espaço também pudemos discutir sobre a necessidade de se buscar metodologias alternativas para o ensino-aprendizagem. Por fim, o próprio termo ensino-aprendizagem, que eu escuto desde o primeiro dia de aula e que até então nunca tinha escutado. Percebi que é um termo que a maioria das pessoas da turma usa com muita tranquilidade e aproximação, como se fosse corriqueiro. Me sinto um pouco desconfortável com isso, mas exercito a percepção do desconforto como primeiro passo pra trabalhar nisso.

Aula 5 – 02/05/2019

Essa é a primeira aula em que os grupos começam a apresentar as suas propostas de curso. O período da manhã foi utilizado pelo Luã e pela Isabela. A proposta de curso da dupla é uma disciplina já em execução, intitulada “Projetos de Educação Ambiental”. Achei a proposta e as atividades muito interessantes. Fizemos um momento de discussão dos termos escritos nos textos disponibilizados anteriormente no STOA e nesse ponto eu parabenizo a condução da dinâmica e divisão das pessoas para que pudessem participar das discussões de todos os termos.

Foram propostas algumas leituras:

1 – Empoderamento a partir da semente;

2 – Monocultura da mente.

 O período da tarde foi utilizado pelo segundo grupo, composto por Alex, Bárbara, Isabela e Pedro. A proposta do curso é a “Resolução de problemas agroalimentares” utilizando a metodologia de aprendizado por resolução de problemas. Parece interessante, o grupo se preocupou em levar um material que conceituasse o termo, o qual eu não conhecia até então. Possuo apenas uma crítica com relação à apresentação do plano de curso, pois pra mim parecia uma reprodução de um dos pontos em que criticamos bastante na aula anterior, que é o fato de muitas vezes as aulas expositivas serem leituras de textos em que docentes e discentes são apenas corpos presentes numa sala, que foi o que aconteceu num determinado momento (pra mim). Descrevo como um pouco entediante, mas entendo a dificuldade. Um ponto muito positivo desse dia foi o café da tarde em que o grupo trouxe comidas muito gostosas vendidas pela Rede Guandu do Instituto Terra Mater.

Aula 6 – 09/05/2019

 Essa aula foi uma das apresentações mais interessantes pra mim. O período da manhã foi ocupado pelo terceiro grupo, composto pela Amanda, Lukas, Anani e Taísi, que trouxe como proposta a reformulação da disciplina “Recursos Florestais em propriedades agrícolas”, que já de início foi um ponto de reflexão junto com os demais sobre um dos papeis profissionais de engenharia florestal que é ocupado por profissionais da agronomia somente pelo fato de terem cursado uma disciplina de recursos florestais durante o curso. O período da manhã começou com uma meditação guiada pela Anani, a qual eu felicito muito, pois me deu uma revigorada e provocou uma maior vontade de estar presente. O grupo nos presenteou ainda com uma muda de tomate cereja, eu gostei muito.

 Durante a primeira dinâmica, o grupo provocou a formulação de respostas para a seguinte pergunta: Você, educadora de ensino superior, entra na sala em que a maioria das pessoas não gosta ou não dá importância para a sua disciplina ou para o tema. O que você faria para motivar a turma? Aqui nós discutimos novamente sobre a importância de metodologias alternativas e num determinado momento tive uma reflexão sobre até que ponto o erro é desmotivador ou te coloca pra frente.

O professor sugeriu o documentário “O invasor americano”, o qual eu assisti e julgo interessante e sensacionalista ao mesmo tempo.

Uma ideia muito interessante apresentada pelo grupo foi a criação de uma start up para resolução dos problemas abordados na disciplina. No segundo período o grupo propôs uma dinâmica muito interessante em que a turma tinha que se dividir em dois grupos, ruralistas e ambientalistas. Foi uma dinâmica polêmica de interpretação de papéis.

 O segundo horário do dia foi utilizado pelo quarto grupo, composto pelo Lucas, Magda, Kálita e Elias. Este grupo trouxe duas propostas distintas de plano de curso, uma com o título “Diagnóstico e Planejamento de recuperação ambiental” e outra sobre múltiplas inteligências. As pessoas do grupo pareciam tensas ao apresentar as propostas, pois parecia uma sobreposição de ideias. Ficou explícito que não houve um diálogo sincero entre xs componentes e isso foi expresso durante a apresentação. A primeira ideia, sob o meu ponto de vista, parecia mais fechada nos moldes formais de disciplina, já a segunda seria mais voltado para o estímulo do reconhecimento das diversas inteligências que cada pessoa possui.

 Neste dia eu acabei falando muito sobre as minhas impressões sobre o grupo e, não sei se infelizmente, pelo que parece agora estou rotulada como “super sincera”, segundo o companheiro Elias. O fato de ter entendido que a turma precisava fazer colocações ao que achasse relevante talvez tenha sido mal entendido quando a fala não é um elogio e sim uma crítica. O ponto em que eu apontei como mais relevante foi o fato de que o trabalho em grupo realmente não é fácil e que, como indivíduos adultos, deveríamos achar um ponto de acordo porque é assim que funciona na vida real. As coisas não são exatamente como queremos e muito menos as pessoas. Imagina que entediante seria a vida se todo mundo fosse somente como nos agrada? Bored.

 Outra coisa que aprendi nesse dia foi a importância da seriedade do que é proposto como atividade. O grupo colocou alguns textos no STOA como quesito para a aula e acabou não utilizando. Entendo que as ideias pareciam confusas, mas me senti muito frustrada porque acredito que tenha levado muito a sério e gastei um tempo lendo o que não foi visto ou utilizado em sala. Digo isso porque neste dia recebi a visita de uma amiga muito querida e não fiquei muito tempo com ela por causa do exercício. Não sei se isso é relevante, mas me frustrou porque acredito que nesses tempos líquidos, o tempo de todas as pessoas é importante, inclusive o meu. Felicito muito a atitude de compartilhar com a turma o fato de ter sido complicado trabalhar enquanto grupo e achei nobre a decisão do grupo de se dividir em dois.

Neste dia foi indicada a Plataforma **Nilo Peçanha** para aprendizado sobre a Rede Federal de Educação Profissional, Cientifica e Tecnológica do Brasil.

Aula 7 – 16/05/2019

 Esse foi o dia de fazer a apresentação com o grupo cinco. O tema que nós escolhemos foi “Divulgação e Popularização do saber científico”. Posso dizer que foi muito prazeroso trabalhar com a Gláucia, Kenia e com a Letícia. Desde o começo a proposta agradou a todas e nós pudemos desenvolver com muita satisfação.

 De início fizemos um presente na forma de dinâmica, onde nós propusemos uma atividade para estimular os sentidos e a percepção dos nossos privilégios. A ideia era resgatar memórias e saberes intrínsecos sobre as plantas próximas ao nosso convívio. Em seguida nós dividimos a turma em grupos previamente avisados pelo STOA para discutir os termos vulgarização, alfabetização, divulgação e popularização científica. A discussão foi muito proveitosa de acordo com o meu ponto de vista. Porém, o ponto que eu modificaria é a organização dos comandos para a turma, mas acredito que isso não atrapalhou. Nós fizemos um café quase 100% à mão. Utilizamos cambuci, ora pro nobis, manjericão, salsinha como ingredientes para preparar um lanche intimista para a turma. Em seguida fizemos a apresentação do nosso plano de aula, que, de acordo com as colocações do professor Marcos e a turma, a proposta se aproxima mais da divulgação do que de uma popularização científica. Fizemos também algumas dinâmicas de conversação em que cada pessoa tinha que explicar o trabalho da/o companheira/o e poucos minutos. Logo em seguida a ideia era que cada pessoa falasse do seu próprio trabalho em dois minutos sem utilizar jargões científicos. Nesse momento nós oferecemos a opção de gravar as apresentações, pois pretendemos criar uma intervenção na tentativa de aproximar e resgatar os interesses da sociedade para com as pesquisas desenvolvidas na Universidade Pública.

 O segundo período do dia foi utilizado pelo grupo seis, composto pelo Silvio, Bruno, Gabriel e Letícia. A proposta do grupo foi criar um curso de extensão para profissionais da educação na área de matemática. O Silvio apresentou para a turma a teoria de “Ansiedade matemática”, que foi bem interessante. Por um tempo me senti enrijecida com as explicações matemáticas pela minha ansiedade matemática, rsrs. Fizemos uma atividade de montar um medidor de altura de árvores e partimos para a prática de medir. O grupo apresentou uma proposta que parece interessante para profissionais, mas senti falta de exemplos que poderiam ser utilizados para quem se matricularia no curso. Por fim, como de praxe, ficamos discutindo até um pouco mais tarde do horário combinado para finalizar as atividades do dia, mas, embora cansativo, o dia foi muito proveitoso.

 Essa foi a minha maneira de sintetizar a vivência durante esses quase dois meses cursando a disciplina. Foram semanas de muita inspiração e aprendizado que vou levar comigo para a vida. Agradeço às pessoas envolvidas. Foi muito bom compartilhar essa vivência com vocês.

Por fim deixo um pouco de zines

Zines

Zines

Zines por todos os cantos...

<https://asminanahistoria.wordpress.com/zines/>

<https://www.facebook.com/pretaeriot/?ref=profile_intro_card>